6ª Parte

Transcrições

Um Trabalhador Cultural[39]

Jomar Moraes[40]

Já nos conhecíamos fazia algum tempo. Não pessoalmente. Mas em razão de fatos e feitos nossos em seara comum. Nosso interesse recíproco pelo sempre maior conhecimento da história e da vida literária das numerosas ilhas integrantes do vasto arquipélago cultural brasileiro, funcionou como fator de aproximação entre nós. Refiro-me ao poeta e e principalmente crítico, pesquisador e ensaísta cearense Sânzio de Azevedo que é, na exata acepção do termo, um autêntico homem de letras. Hoje professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, pela qual se licenciou em Letras, e onde, por mais de trinta anos, lecionou Literatura, Sânzio de Azevedo, no ano de 1980, cursava seu doutorado em Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por uma feliz coincidência, também eu, durante esse mesmo ano e na mesma belíssima cidade fazia um curso dito de altos estudos.

O lapso temporal de três décadas que vão dos dias de hoje aos de 1980 não me possibilita divisar com absoluta clareza detalhes que se estão esfumando na penumbra dos dias que passam. Por isso, é-me hoje difícil precisar onde pela primeira vez Sânzio de Azevedo e eu nos avistamos e mutuamente nos dissemos da alegria desse encontro inaugural.

Alvitro que esse encontro memorável aconteceu ou na Oficina Literária de Mestre Afrânio Coutinho ou num Sabadoyle, famosa reunião hebdomadária em casa de meu saudoso amigo Plínio Doyle, ambos fulgurantes núcleos culturais sediados em Ipanema.

Mas não há dúvida alguma de que nos encontramos tanto na Oficina Literária Afrânio Coutinho, que por sinal foi o orientador acadêmico do doutorado de Sânzio de Azevedo, quanto nas reuniões

---

39 *O Estado do Maranhão*, São Luís, 19 out. 2011, Alternativo, p. 7. Hoje é dia de...

40 Jornalista, historiador literário, membro da Academia Maranhense de Letras, da qual foi presidente.

do Sabadoyle. Resultou desses proveitosos encontros, que Sânzio e eu nos tornamos colaboradores especiais da *Enciclopédia de literatura brasileira*, monumental obra em dois compactos volumes dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa (Rio de Janeiro: PAE?MEC, 1989; 2 ed., São Paulo: Global; Rio de Janeiro: FBN/DNL: ABL, 2001. Ambas fartamente ilustradas).

Também resultou desses encontros que se davam em sábados alternados o saudável convívio com expoentes da vida cultural brasileira, a exemplo, entre outros, de Gilberto Mendonça Teles, Américo Jacobina Lacombe, Homero Homem, Alphonsus de Guimaraens Filho, Pedro Nava, Afonso Arinos de Mello Franco, Carlos Drummond de Andrade.

Resultou, finalmente, desses encontros de 1980, que entre mim e Sânzio de Azevedo nasceu e se consolidou uma amizade fraternal periodicamente reafirmada pelas publicações que entre nós intercambiamos, sendo de inteira justiça reconhecer, como defeito a ser corrigido, que Sânzio tem sido bem mais cuidadoso em remeter-me seus trabalhos, do que eu, em remeter-lhe os meus. Servirá, porém, esta pública "mea culpa" de marco a partir do qual providenciarei as necessárias correções.

Do intenso labor cultural de Sânzio de Azevedo, diversos resultados sumamente positivos, há a contabilizar, como sejam: 1) mais de três décadas de frutuoso magistério superior; 2) numerosa colaboração literária para jornais e revistas do Brasil e do exterior; 3) conferências e palestras em estabelecimentos educacionais e entidades associativas; 4) publicação de livros sobre estudos da literatura cearense.

Membro efetivo da Academia Cearense de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 1, patroneada por Adolfo Caminha (1867-1897), polígrafo cearense que, apesar da vida breve e agitada, veio a ser um dos expoentes do naturalismo no Brasil, e cujo nome literário sobrevive graças a seus romances *A Normalista* (1893) e *Bom-crioulo* (1895), ambos sucessivamente reeditados. Sobre a vida e obra de seu patrono Adolfo Caminha, Sânzio de Azevedo escreveu um livro essencial. Dele possuo

duas edições (1. ed., 1997; 2. Ed., 1999). Ainda do mesmo autor, Sânzio reuniu onze histórias curtas num bonito volume intitulado simplesmente *Contos* (Fortaleza: Ed. UFC, 2002), livro para o qual tive a alegria de colaborar, enviando ao organizador da obra informações que a respeito do assunto encontrei em *A Revista do Norte*, publicada em São Luis no início do século XX, sob a direção literária de Antônio Lobo.

Da extensa e valiosa bibliografia (como direi?) sanziana, conservo, em estante especial de minha biblioteca, estes títulos valorizados com o afetuoso autógrafo de seu autor, organizador ou editor, que Sânzio tudo isso é, além de muito mais ainda: *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*, tese de doutorado em Literatura (1. ed., 1983; 2. ed., 1996); *Apolo versus Dionisos*; considerações em torno do Parnasianismo brasileiro, 1978; *Caminhos da poesia*: estudos, 1968; *O Modernismo na poesia cearense* (Primeiros tempos): ensaio, 1995; *O Parnasianismo na poesia brasileira*, 2004; *Dez ensaios de literatura cearense*, 1985; N*ovos ensaios de literatura cearense*, 1992; *Aspectos da literatura cearense*, 1982; *Para uma teoria do verso*, 1997; *Canto efêmero*: poemas, 1968; *Lanternas cor de aurora*: haicais, 2006; *Antologia da Academia cearense de Letras*, organização, 1994; *Parnasianismo*: seleção e prefácio, 2006, volume da série Roteiro da Poesia Brasileira; edições de textos dos romances: *O Mulato*, de Aluisio Azevedo, e *Iracema*, de José de Alencar; este, uma edição bilíngue em português e francês e belíssima, comemorativa dos 140 anos da publicação da célebre obra.

Finalmente, o livro que por último recebi de meu estimado amigo: *Breve história da Padaria Espiritual*, importante agremiação literária que tinha seu guartel-general no Café Java, da capital cearense, e tema recorrente na bibliografia de Sânzio de Azevedo, que além de doutor, é, verdadeiramente, Douto.